

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A Cidade que ensina: discursos sobre os corpos urbanos.

Felipe Dias Ramos Loureiro¹

Resumo

A cidade em que vivemos não é a mesma em que viveram nossos pais e avós. Os que vieram antes de nós experimentaram o aprofundamento da modernidade, fato que colaborou para que se engendrasse o que alguns autores chamam de pós-modernidade. Nessa perspectiva, este artigo objetiva compreender as transformações da cultura urbana brasileira ao longo do processo de evolução da cidade moderna.

A emergência do que chamamos de ordem urbana no Brasil se deu no final do Império. Nessa época, os “Manuais de civilidade” tiveram importante papel, ensinando normas de etiqueta e padrões adequados de sociabilidade. Tal conteúdo se consolidou no mercado editorial, mudando de formato e abordagem, mas mantendo seu viés pedagógico, focado em ensinar boas maneiras de viver na cidade. Ao longo do século XX, surgiram diversas revistas que também cumpriram esse papel, por exemplo, “Claudia”. Entretanto, já na dita pós-modernidade, tais edições perderam relevância, dando lugar a outras mídias e, em última instância, aos “Coachs”, que terão seus discursos analisados neste trabalho.

Reconhecendo em tais documentos a presença de um projeto pedagógico vinculado a algum ideal de sujeito, há de se considerar a abordagem Biopolítica de Foucault. Assim como, o conceito de “Bovarismo”, “que se trata do poder conferido ao homem de conceber-se diferente do que é.” (KEHL, 2018, p.21) Afinal, a afirmação da personalidade individual é parte essencial da cultura moderna. Desse modo, a partir do que a ordem urbana tenta ensinar, tentaremos entender como ela tem sido. **Palavras-chave: Cidade, pedagogia, sociabilidade.**

Abstract:

¹ Doutorando em Cidades e Culturas Urbanas na Escola de Estudos Avançados da Universidade de Coimbra em Cotutela com o Ippur da UFRJ.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

The city in which we live is not the same in which our parents and grandparents lived. Those who came before us experienced the deepening of modernity, a fact that helped to engender what some authors call postmodernity. In this perspective, this article aims to understand the transformations of Brazilian urban culture throughout the evolution process of the modern city.

The emergence of what we call the urban order in Brazil took place at the end of the Empire. At that time, the “Manuals of civility” played an important role, teaching etiquette and appropriate standards of sociability. Such content was consolidated in the publishing market, changing its format and approach, but maintaining its pedagogical bias, focused on teaching good ways of living in the city. Throughout the 20th century, several magazines appeared that also fulfilled this role, for example, “Claudia”. However, already in the so-called post-modernity, such editions lost relevance, giving way to other media and, ultimately, to “Coaches”, who will have their speeches analyzed in this work.

Recognizing in these documents the presence of a pedagogical project linked to some ideal of subject, one must consider Foucault's Biopolitical approach. As well as, the concept of "Bovarism", "which is the power conferred to man to conceive himself differently than he is." (KEHL, 2018, p.21) After all, the affirmation of individual personality is an essential part of modern culture. Thus, based on what the urban order tries to teach, we will try to understand how it has been. **Keywords:** City, pedagogy, sociability.

Resumen:

La ville dans laquelle nous vivons n'est pas la même dans laquelle vivaient nos parents et grands-parents. Ceux qui nous ont précédés ont vécu l'approfondissement de la modernité, un fait qui a contribué à engendrer ce que certains auteurs appellent la postmodernité. Dans cette perspective, cet article vise à comprendre les transformations de la culture urbaine brésilienne tout au long du processus d'évolution de la ville moderne.

L'émergence de ce que nous appelons l'ordre urbain au Brésil a eu lieu à la fin de l'Empire. À cette époque, les «manuels de civilité» jouaient un rôle important, enseignant l'étiquette et les normes appropriées de sociabilité. Un tel contenu s'est consolidé sur le marché de l'édition, en changeant de format et d'approche, mais en

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

conservant son parti pris pédagogique, axé sur l'enseignement des bonnes manières de vivre en ville. Tout au long du XXe siècle, plusieurs magazines sont apparus qui remplissaient également ce rôle, par exemple «Claudia». Cependant, déjà dans la soi-disant post-modernité, ces éditions ont perdu de leur pertinence, cédant la place à d'autres médias et, finalement, aux «Coaches», qui verront leurs discours analysés dans ce travail.

Reconnaissant dans ces documents la présence d'un projet pédagogique lié à un idéal de sujet, il faut considérer l'approche biopolitique de Foucault. Ainsi que le concept de «bovarisme», «qui est le pouvoir conféré à l'homme de se concevoir différemment de ce qu'il est». (KEHL, 2018, p.21) Après tout, l'affirmation de la personnalité individuelle est un élément essentiel de la culture moderne. Ainsi, à partir de ce que l'ordre urbain tente d'enseigner, nous essaierons de comprendre comment cela a été. **Mots clés:** Ville, pédagogie, sociabilité.

Introdução

A cidade é mais que o lugar onde se habita, trabalha e circula. Trata-se também de um conjunto de experiências sociais e afetivas que paulatinamente atuam sobre os corpos, forjando o que compreendemos por sujeito. Nessa perspectiva, reconheço que o espaço urbano é permeado por discursos diversos que se embatem buscando ser eficazes em sua tarefa pedagógica exercida em relação aos indivíduos.

Nesse sentido, existe neste artigo a intenção de construir um processo investigativo que analise alguns documentos produzidos com intenções pedagógicas visando a consolidação de uma determinada forma de viver na cidade. Desse modo, destacamos a importância dos Manuais de Civilidade, das revistas de variedades e da Metodologia *Coaching* enquanto discursos que agem diretamente sobre os corpos que habitam a cidade moderna. Essa, por sua vez, pode ser percebida como um constructo social que, junto ao cimento e aos tijolos, empilha paixões e expectativas. Possuindo uma grande capacidade de afetar de maneira determinante os processos de subjetivação, capaz também de imprimir seus enunciados nas pequenas narrativas individuais modernas, organizadas dentro do conceito que se entende por “personalidade”.

Nessa perspectiva, através de uma abordagem metodológica pautada no que Carlo Ginzburg chama de Paradigma Indiciário. Buscarei nos três conjuntos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

documentais supracitados (manuais de civilidade, Revista Claudia e metodologia coaching) indícios que ajudem a compreender um certo percurso de transformações urbanas e, seus impactos sobre a subjetividade no decorrer do século XX. Reconhecendo em tais tipos de discurso uma clara intenção pedagógica, que se revela em seus enunciados, explicitamente vinculados a algum projeto disciplinar e, em última instância, econômico. Nesse sentido, consideremos a noção de *Biopoder* desenvolvida por Michel Foucault.

Agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos e fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa; ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais privado. (FOUCAULT, 1988, p.130)

Sendo assim, percebe-se que o “poder sobre a vida” se desenvolveu em duas formas principais: a primeira organizada em torno do corpo enquanto máquina, focada no seu adestramento, na ampliação das suas aptidões, na extorsão de suas forças, “no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos.” (Foucault, 1988, p.130) Já a segunda maneira, centrou-se no corpo-espécie, suporte de processos biológicos, tratando-se de uma regulação sobre as populações, não apenas aos indivíduos. Nesse compasso é que se espalham diversas instituições responsáveis pela gestão das populações, escolas, prisões, hospitais, realizando a tarefa da biopolítica. Dentro dessa perspectiva, pode-se inferir que o capitalismo exigiu a valorização da utilidade e docilidade desses corpos, utilizando-se largamente do dispositivo da sexualidade desde os primórdios da modernidade. Nesse sentido, P. B Preciado afirma:

La tarea misma de la acción política es fabricar un cuerpo, ponerlo a trabajar, definir sus modos de reproducción, prefigurar las modalidades del discurso a través de las que ese cuerpo se ficcionaliza hasta ser capaz de decir “yo”. (PRECIADO, 2020, p. 164)

A individualização de um corpo se baseia num processo de ficcional que se desenvolve ao redor dos enunciados com os quais o sujeito interage. Dessa maneira, ocorre a construção da personalidade, uma espécie de identidade subjetiva do indivíduo que emergiu na modernidade ganhando uma força ontológica. Contudo, nem só de adesão às narrativas hegemônicas vivem as pessoas. Nesse sentido, faz-se necessário destacar que esse exercício de adestramento dos corpos e normalização da vida das populações, não se dá sem a ocorrência práticas de resistência. A própria persistência

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desse tipo de conteúdo e intenção no espaço urbano, como se observa nos documentos analisados neste *paper*, destaca que os corpos arredios têm reagido.

A grande mudança na cultura urbana que podemos destacar antecipadamente para quem inicia essa leitura é a seguinte: enquanto na modernidade o corpo inadequado era prioritariamente o feminino, ao qual se direcionava a imensa maioria dos interditos, na vigência da pós-modernidade todos os corpos são inadequados e precisam ser qualificados. Outra diferença que podemos antecipar é que muitas instituições modernas perderam capacidade de circunscrever os corpos, que estão agora sob inteira responsabilidade do indivíduo.

O percurso metodológico se baseia na análise de documentos que faziam e fazem circular no espaço urbano um conjunto de enunciados organizados em prol do adestramento e da normalização dos corpos. Tal caminho permite divisar a grande importância desses dentro da própria construção do ideal de sujeito moderno. Nesse sentido, cabe ressaltar a figura do “homem aburguesado”, ele possui um emprego, cuida de sua mulher e filhos, vivendo numa bela casa junto à sua família economicamente estável e aparentemente feliz. Portanto, a hipótese desse trabalho consiste na percepção de que os Manuais, as Revistas e Serviços de Coaching, dizem muito sobre que tipo de indivíduo tal sociedade pretende produzir. Dessa maneira, observando os enunciados e suas práticas, tanto as de sujeição, quanto as de resistência, torna-se possível captar dados importantes sobre a própria cidade. Tal perspectiva dialoga com Paul B. Preciado, ao passo que:

las técnicas gubernamentales biopolíticas se extendían como una red de poder que desbordaba el ámbito legal o la esfera punitiva convirtiéndose en una fuerza “somatopolítica”, una forma de poder especializado que se extendía en la totalidad del territorio hasta penetrar en el cuerpo individual. (PRECIADO, 2020, p.164)

O debate proposto por Preciado, tem como base a ideia de que na passagem da “Sociedade Soberana” para a “Disciplinar” o poder discursivo transcendeu os muros institucionais. Nesse sentido, as normas de etiqueta foram perdendo força diante dos conselhos sobre realização pessoal e sucesso econômico. Percebe-se desse modo que, os discursos pedagógicos deixam de estar restritos às paredes das igrejas, escolas ou hospitais, emergindo na literatura, na imprensa, nos manuais de civilidade e, sobretudo, no espaço urbano.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Dessa maneira, nas metrópoles do século XXI, identifica-se a decadência de diversos sistemas culturais tradicionais que participavam de maneira importante da sujeição dos indivíduos a um determinado discurso social. Fato que afeta as próprias subjetividades socialmente produzidas, marcadas pelo excesso de investimento psíquico sobre si mesmo, pouco afeitas à alteridade e à sociabilidade desinteressada.

Las democracias liberales y patriarco-coloniales Europeas del siglo XIX construyen el ideal del individuo moderno no solo como agente (masculino, blanco, heterosexual) económico libre, sino también como un cuerpo inmune, radicalmente separado, que no debe nada a la comunidad. (PRECIADO, 2020, p.166)

Considerando tal percepção do sujeito moderno, caracterizado pela não existência de uma dívida em relação à sociedade, nota-se uma sobreposição do individual sobre o social. Nesse sentido, destaca-se a afirmação de uma outra condição urbana, fundamentada no individualismo, no consumismo, no imediatismo e no utilitarismo. Desse modo, essa forma diferente de se relacionar com a cidade, marcada pela ausência de vínculos sólidos, possibilitou a emergência de novas técnicas disciplinares, decorrentes do novo processo de produção capitalista do espaço.

Portanto, a análise dos documentos pedagógicos produzidos em diferentes etapas da ordem urbana moderna no Brasil permite que se observe permanências e rupturas nas formas de ser na cidade. Por isso, utilizo como método o já citado Paradigma Indiciário. Esse, é muito bem explicitado e problematizado pelo Historiador italiano Carlo Ginzburg em sua obra "Mitos, Emblemas e Sinais" (1989). Nesse livro, o autor afirma que tal metodologia se assemelha, em certa medida, à do caçador e à do detetive, afinal, a partir de singelas pistas, ou seja, indícios. Desse modo, uma pegada na floresta ajuda o caçador, uma impressão digital auxilia o detetive, um sintoma contribui para o diagnóstico médico, um certo modo de pintar os lóbulos da orelha ajuda a saber quem é o autor de um quadro. Essa maneira de tentar entender um determinado processo será utilizada nesse artigo, posto que, é preciso ressaltar que para compreender e discutir adequadamente a condição urbana moderna, é bastante interessante atentar para os indícios existentes na cultura em geral.

Ser moderno e brasileiro

A modernidade apresentou em seus manuais e romances uma parte importante de sua narrativa disciplinar, o amor romântico. Esse, inovava ao situar o amor dentro da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

esfera do casamento, autorizando o sexo, mas normalizando-o dentro de uma estrutura doméstica compartilhada entre marido e esposa. O matrimônio tornou-se então o espaço afetivo central da primeira modernidade. Entretanto, a normalização dessa forma determinada “amor na cidade”, que se baseava em alguns preceitos dogmáticos, por exemplo: monogamia, eternidade e privacidade, mostra-se cada vez mais incapaz de conter as paixões e interditar os sujeitos que habitam as metrópoles do terceiro milênio.

Nessa perspectiva, é interessante destacar que mesmo no apogeu da literatura romântica, responsável por revelar e difundir os enunciados citados acima, existiam práticas de resistência. Vide o clássico romance “Madame Bovary” publicado por Gustave Flaubert em 1856. Nesse livro, conta-se a história da jovem Emma, que se casa com o médico Charles Bovary. Tal matrimônio representaria a abertura de um portal que levaria ao caminho para a felicidade, mas não foi isso que a moça encontrou. A vida interiorana e a mediocridade profissional do marido impediram Emma de viver a vida que idealizou a partir da leitura das obras literárias em voga na época. Casou-se para recriar sua autoimagem, visando tornar-se uma versão mais atraente de si mesma. Madame Bovary pagou o preço por tentar conceber-se outra, matou-se por não conseguir realizar as promessas que a cidade moderna lhe fez.

A trajetória de Emma Bovary é marcada por uma certa paranoia, marcada por esse desejo obsessivo de ser outra pessoa, de reconfigurar sua autoimagem visando alcançar algum tipo específico de reconhecimento. Nesse sentido, pode-se observar na personagem, o protótipo do sujeito moderno, trabalhando em torno de si mesmo na busca de pela afirmação da própria personalidade. A ousadia da obra está em colocar um personagem feminino, a quem era proibido produzir-se, que deveria servir apenas de trampolim para a realização alheia. Entretanto, é Emma quem adere ao projeto burguês, não seu marido. Quando Maria Rita Kehl conceitua o “Bovarismo Brasileiro” (2018), ela retorna ao exemplo do poeta Baudelaire que dizia, “o cigarro e o adultério seriam as últimas formas de aventura ao alcance do homem moderno.” (KEHL, 2018, p.30) “Na perspectiva da mulher, o adultério ia além, representava um ousado passo na direção de uma escolha do destino.” (KEHL, 2018, p.30) Desse modo, a modernidade se revela na protagonista de Flaubert, ao passo que, o sujeito escolhe o seu destino, desconsiderando laços sociais, familiares e religiosos, sendo responsabilizado por suas atitudes.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nessa perspectiva, torna-se interessante destacar o conceito de “Bovarismo” que, segundo Maria Rita Kehl: “trata-se do poder conferido ao homem de conceber-se diferente do que é.” (KEHL, 2018, p.21) Tendo em vista tal percepção, pode-se afirmar que o trabalho subjetivo de afirmação da personalidade individual é parte essencial da cultura moderna. Além disso, observa-se que tal processo se dá no âmbito das citadas práticas de sujeição e resistência, que tem a cidade como seu espaço prioritário.

Dentro dessa perspectiva, o poder-dever individual de conceber a si mesmo, teria como referência prestigiosa a afirmação da própria personalidade em determinados contextos sociais, sem nunca se desvencilhar do ideal de sucesso financeiro. Contudo, essa atitude Bovarista em voga na sociedade europeia da *Belle Époque* não poderia ser reproduzida integralmente nos trópicos. As marcas da escravidão e da dependência movimentariam esse conceito. Noutra perspectiva acerca da noção de Bovarismo, Maria Rita Kehl destaca a baixa relevância da esfera pública brasileira, mantendo a Política e as grandes questões nacionais sempre restritas aos salões.

Seguindo as tendências modernas observadas em Lisboa, no final do século XIX, a vida privatiza-se, “a vida ilustrada acontecia da porta de casa para dentro – saraus, bailes, mocinhas casadoiras em exibição entre os pretendentes com posses. A rua tornou-se o lugar dos negros e pobres.” (KEHL, 2018, p.45)

A pergunta que permanece após a leitura da obra o Bovarismo Brasileiro de Maria Rita Kehl é a seguinte: ser moderno no Brasil é conseguir se manter sempre ao lado dos vencedores, que ao longo da nossa história tem sido a pessoa que carrega um chicote pronto a castigar a classe trabalhadora? O tom provocativo da pergunta não lhe tira à validade, ao passo que essa figura esteve por muito tempo no imaginário popular como detentor de um poder considerado legítimo. Portanto, é importante entender que comportamentos os manuais, revistas e coachs promovem e quais são reprovados para que se avance no processo de construção de uma autoimagem vitoriosa.

2 – Manuais de civilidade: a regulamentação formal de comportamentos e atitudes.

Os chamados “manuais de civilidade” se dedicavam à ciência da civilização, introduzindo os leitores nas especificidades que marcavam a nova forma de viver em sociedade. Esses textos possuíam uma estrutura original e dinâmica, privilegiando a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

leitura rápida e objetiva. “A consulta era fácil, e podia-se ir direto ao tema selecionado, sem precisar passar, obrigatoriamente pelos demais.” (SCHWARTZ, 1997, p.11) A intenção desse tipo de documento era difundir o conhecimento das normas de boa conduta e, conduzir os indivíduos na trilha que levará a sociedade aos mais elevados estágios da civilização.

A primeira grande obra desse tipo a fazer sucesso, em língua portuguesa, foi o "Código do Bom-Tom, ou, regras de civilidade e de bem viver no século XIX", escrita por J. I. Roquete e, publicada em Portugal no ano de 1845. Em seu texto, o autor, através de uma narrativa direta e simples, oferece conselhos a seus filhos visando instruí-los acerca da "ciência da civilização".

O manual é escrito através das observações do que ocorriam nos setores mais refinados de Paris, com o intuito de que Portugal passe a fazer parte de um conjunto de nações civilizadas da Europa. Para isto descreve como uma espécie de um pai que repassa ensinamentos de comportamentos a seus filhos – Eugênia, de 8 anos e Teófilo, de 10 anos. (SILVA SAMPAIO, 2013, p.298)

Acerca do “Código do bom-tom”, convém enunciar que as edições brasileiras mais recentes foram organizadas pela historiadora Lilia Moritz Schwartz, que prefaciou a obra, oferecendo uma leitura extremamente interessante sobre tal obra. Nesse sentido, a autora discute os comportamentos elogiados ou reprovados por Roquete, em sua análise a pesquisadora propõe que aquela estética cortesã, tornou-se moda entre as elites francesas pouco antes da Revolução Francesa (1789-1799), e, posteriormente alastrou-se nacional e internacionalmente através do século XIX.

Desse modo, de acordo com Schwartz, “na corte, em nome da “etiqueta” e da “civilidade”, começou-se a normatizar dos grandes aos pequenos detalhes da vida social cotidiana.” (SCHWARTZ, 1997, p.07) Nesse sentido, é fundamental reconhecer a importância dos manuais na difusão desses valores e comportamentos. Tais obras estimulam novas maneiras de ser e de como sociabilizar, relacionadas direta ou indiretamente às transformações políticas e sociais em curso. Entretanto, Norbert Elias identifica a perda de relevância desse tipo de documento ao longo da consolidação da modernidade:

As boas sociedades entrelaçaram-se, todas elas, direta ou indiretamente, com a rede de ocupações profissionais e mesmo que uma orientação ‘cortesã’ nunca estivesse inteiramente ausente, esta, nem de longe exerceu mais a mesma influência. A partir desse momento, as profissões e o dinheiro passaram a ser as principais fontes de prestígio e a arte, o refinamento da conduta social, deixou de ter para a reputação e o sucesso do indivíduo a importância decisiva que possuía na sociedade de corte. (ELIAS, 1993, p.252)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Embora a "corte" em si tenha perdido parte de sua influência, as noções de moderação e a preocupação com a estetização do cotidiano se espalharam ao longo de século XX. Por exemplo, as diferenças comportamentais entre homens e mulheres. Os manuais também perderam capacidade de circunscrever corpos, mas sua tática de relacionar grandes questões acerca da representação social do "eu", às minúcias do cotidiano, seguiu presente em revistas e até na metodologia coaching.

Desse modo, há recomendações sobre mudança de pratos em jantares, sobre o tamanho das porções de carne à mesa. Há também uma constante contraposição entre civilização e barbárie, civilizado e primitivo. Nesse sentido, em nome da etiqueta e dos bons modos, era necessário anular tudo que lembrasse o estado de natureza, ou, a vida primitiva – tudo em nome da civilização. Tais manuais eram normalmente divididos em temáticas específicas, em geral enunciavam um evento social, para em seguida desenvolver uma explicação sobre como se portar, abaixo Roquete oferece um exemplo de como se agir em um baile.

Entre todos os divertimentos da gente moça, nenhum há com que ela mais folgue do que a dança, a que por isso chamam nossos antigos "folias"; porém, meus filhos, este mesmo prazer não deixa de ter seus dissabores para os homens polidos.

Deves, meu filho, pôr-te à disposição da senhora da casa, que, sem a menor dúvida, te pedirá que tires para dançar as *abandonadas*. Não sei se sabes bem a força dessa expressão, que é francesa da gema *les abandonées*, por isso te explico. Chamam-se abandonadas as senhoras desfavorecidas de formosura e das riquezas. Não te digo que seja agradável tomar o que os mais não querem, porém mal sabes até onde chega à gratidão dessas senhoras. (ROQUETE, 1997, p.148)

Dentro dessa perspectiva, questões como a maneira de falar também passou a ser alvos de discursos moderadores, tal como, o modo se comportar em jantares, chás e outros eventos sociais, ou, até mesmo as maneiras de cumprimentar outras pessoas, tudo isso foi codificado. Nos manuais, certas práticas eram elogiadas, outras criticadas, mas sempre em nome da etiqueta, quase nunca por questões de higiene ou saúde. De acordo com Schwartz, a "civilização" "impunha novos hábitos à mesa, sobretudo na corte francesa, essa grande impulsionadora de modas, que fazia, de seus costumes, hábitos nacionais e, aos poucos, internacionais." (SCHWARTZ, 1997, p.09)

Não preciso dizer-vos que nunca se molha o pão no vinho, nem no molho, nem com ele se enxuga o prato; devo advertir-vos que os franceses, que se jactam de serem os primeiros em civilidade, nem sempre vos devem servir de regra pelo que pertence à mesa. Em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nossas boas mesas e nas inglesas come-se com mais asseio e decência. (ROQUETE, 1997, p.194)

Segundo a organizadora da edição brasileira do Código do Bom-tom, era a etiqueta que sustentava o teatro social da corte, estabelecendo categorias que distinguiam os homens desse mundo do resto da multidão. A capacidade de conter os impulsos e seguir o ritual era extremamente valorizada para definir o *ethos* do indivíduo. Nesse sentido, o que importa, no entanto, “é perceber como a ruptura entre a demonstração e a contenção de sentimentos foi sendo absorvida de modo crescente, até tornar-se um hábito compulsivo e internalizado.” (SCHWARTZ, 1997, p.10)

Entretanto, refletir sobre os manuais não se resume a analisar a moda e os modos, a ascensão desse discurso está conectada com outras mudanças culturais e econômicas. Dentro dessa perspectiva, Schwartz afirma: “com a maior alfabetização e o crescimento da indústria editorial torna-se popular uma série de guias cujo propósito final é estabelecer regras e modelos de sociabilidade.” (SCHWARTZ, 1997, p.11) Desse modo, é importante ressaltar que, tais manuais pretendiam dedicar-se à uma “ciência da civilização”, introduzindo os leitores nas especificidades que marcavam a nova vida em sociedade.

Dentro dessa perspectiva, alguns trechos da obra do Cônego José Inácio Roquete oferecem pistas para se compreender características dos modos de viver e se relacionar da sociedade moderna. Os indícios presentes na obra demonstram também alguns processos de exclusão que a sociedade, por meio de seus vários enunciados, impunha aos indivíduos. De acordo com Roquete:

meu filho, te separo hoje de tua irmã par a te dar algumas advertências em particular. Bem quisera eu fazê-lo como até aqui, porém como nossos costumes, de acordo com a natureza, não prescrevam a vós os mesmos deveres pessoais, sou obrigado, para completar minhas instruções, a dirigir uma em particular a ti, assim como o farei igualmente a Eugênia. (ROQUETE, 1997, p.357)

Nesta curta passagem já se nota uma naturalização das diferenças de gênero. Existe uma performance adequada para os homens e outra para as mulheres. Dessa maneira, o autor precisa separar seus filhos para que possa ensinar a cada um de acordo com o papel que irá cumprir no espetáculo teatral que se tornou o espaço urbano. A maioria das lições passadas pelo autor se direcionam ao filho homem, ao passo que, sua filha deveria “preferir o estudo e a vida doméstica aos passatempos mundanos.” (ROQUETE, 1997, p.137) Nesse sentido, nota-se uma exclusão da mulher da cidade,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

interditando seu papel no espaço público e restringindo sua atuação aos espaços privados.

Analisando o Código do Bom-tom a partir de uma perspectiva foucaultiana, é possível observar outro mecanismo de exclusão que agia sobre os corpos e afetos femininos. Havia uma rejeição às mulheres que não seguiam os padrões morais pertinentes ao manual. Havia dois caminhos possíveis para as mulheres, tornavam-se moças de família ou seriam moças levianas. Os ensinamentos passados por Roquete para sua filha Eugênia, almejam guiar a menina por um bom caminho, pelo qual ela aprenderá tudo o necessário para ser uma moça de família. Ao passo que, alerta a criança sobre comportamentos inadequados que fariam com que ela pudesse ser reconhecida publicamente como uma "leviana".

Não te deixes, pois, iludir desses respeitos e acatamentos hipócritas que hás de encontrar na sociedade; não te deixes seduzir dessas finezas estudadas que muitas vezes ouvirás; supõe que tudo é fingimento, e que querem rir à tua custa. Empenha todo o teu amor-próprio em não seres nunca alvo de chistes e gracejos, e muito menos de riso e fábula da gente. (ROQUETE, 1997, p.382)

Dentro dessa perspectiva, podemos ressaltar a percepção de Robert Pechman acerca da existência de uma "política de aparência", posto que, essa ordem pública moderna possuía uma dimensão estética que afetava os indivíduos, sobretudo as mulheres. De acordo com Roquete, "não há objeto mais desagradável do que uma mulher desganhada ou mal penteada." (ROQUETE, 1997, p.380) Na cidade moderna, para a obtenção do reconhecimento não basta ser, é preciso parecer ser. Dessa maneira, ser reconhecida enquanto moça de família, requeria estar limpa e arrumada, mas sem exageros ou sensualidades.

Tem como regra geral [...] que o penteado, o calçado, os vestidos simples e modestos, tudo bem-feito, asseado, e bem-compostos; poucas cores vivas, e nunca contrastando umas com outras [...] darás provas de ter recebido uma boa educação, e te tornarás estimável a todas as pessoas [...]. (ROQUETE, 1997, p. 391-392)

Além das questões relativas à aparência, outro tema recorrente nesse manual e em muitos outros, são as maneiras de se comportar, seja em eventos sociais - bailes, chás, cerimônias religiosas, espetáculos de teatro, entre outros; ou, na vida cotidiana e suas minúcias. Nesse sentido, o Código do Bom-tom pode ser articulado com outros manuais, que lhe seguirão no futuro, como por exemplo:

Boas Maneiras: Manual de Civilidade, de 1936; Economia Doméstica, de 1958 ; Da arte de ser dona de casa, de 1951; Aprenda as boas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

maneiras, de 1958; Orientação indispensável à família (Economia Doméstica, Maternidade, Puericultura, Socorros Médicos de Urgência), [s.d]; Educação de Mulher, de 1936; Psicologia Feminina, de 1924 – entre vários outros. (CECCHIN & SANTOS CUNHA, 2007, p. 05)

O próprio título dos manuais já revela muito do conteúdo e de seus objetivos. A proposta era moldar posturas visando proporcionar o desenvolvimento do autocontrole e a consciência do papel social a ser cumprido pelo sujeito. Nesse sentido, parece óbvio que os enunciados que compunham o discurso da civilidade, eram definidos de acordo com os critérios de boa conduta da época em que o texto fora produzido. Além disso, os textos ofereciam prescrições diferentes, classificadas por gênero, idade e até condição social. Dentro dessa perspectiva, a ordem urbana moderna era base da ontologia dessa literatura, posto que, tais textos visavam afastar seus leitores da barbárie e lhes garantir a adesão ao processo civilizador.

3 – Modernidade em Revista.

Numa perspectiva histórica, é interessante citar Eric Hobsbawn, que deu a esse largo período entre o êxito dos manuais de civilidade no Brasil e a emergência da Metodologia Coaching o nome de Era do Extremos. Inaugurada com a chamada Era da Catástrofe que é a denominação dada por aquele historiador à circunscrição temporal entre o começo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o fim da Segunda Grande Guerra (1939-1945). Embora após o fim dessa etapa tenha ocorrido uma fase áurea do capitalismo, acompanhada por políticas de bem-estar social, a sociedade passou a conviver com alguma ameaça. Nesse contexto entram o comunismo, guerra nuclear e o terrorismo.

Nessa perspectiva, era de suma importância consolidar um determinado *Way of Life*, que fosse capaz de conformar os indivíduos dentro da “Ordem Urbana Moderna”. Para realizar esse intento, o rádio, a televisão e o mercado editorial cumpriram um papel central. Destacando que em tais meios os enunciados normativos estavam articulados com peças publicitárias, que também exerciam um papel pedagógico. Entretanto, por motivos de acesso a certos acervos no contexto da pandemia de Covid-19, a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

investigação se restringiu à Revista Claudia, mesmo assim dificuldades foram encontradas.²

Essa publicação mensal, iniciada em outubro 1961, com uma tiragem inicial de 150.000 exemplares, diferenciava-se de algumas concorrentes como “Revista Grande Hotel” e “Revista Casa e Jardim”. Enquanto a primeira se dedicava a fotonovelas, quadrinhos e até romances sequenciais, a segunda focava nas dicas de cuidado com o lar. Contudo, “Claudia” trazia uma outra abordagem, apresentando-se como um guia para todas as horas.³ Embora o público-alvo fosse o mesmo, os temas e as abordagens contrastavam. Tratava-se de uma manual da mulher moderna, que buscava se vincular ao processo de ascensão do feminismo, tão em voga nos anos 1960.

Alguns artigos tratando da dissolução dos laços matrimoniais ganharam bastante destaque, causando polêmica e alavancando as vendas. Não se trata de uma revista com pretensões revolucionárias, mas de um periódico que tentou captar as demandas e expectativas de um público que experimentou profundas transformações objetivas e subjetivas. Nesse sentido, a primeira edição consegue articular dicas de moda sobre o uso da cor rosa, confissões da estrela do cinema Sofia Loren, novelas românticas e dicas de decoração, juntamente com uma discussão sobre o divórcio e um guia sobre coisas que uma mulher não pode aceitar de seu parceiro.

O sucesso editorial era sustentado pela estratégia de atender a diversos segmentos do público feminino. Agregando às dicas de beleza, decoração e etiqueta, a crescente relevância das mulheres no espaço público brasileiro. Entretanto, o viés pedagógico não estava ausente. A mulher que trabalhava precisa de enunciados que até então não eram tematizados pelas publicações que a antecederam. Nessa perspectiva, é possível observar que a ênfase da revista Claudia estava na preparação das mulheres para os novos modelos sociais, pretendendo estimular nas leitoras as seguintes preocupações: “o cuidado da casa e da família e a construção de sua beleza” (OLIVEIRA, 2001, p.39)

² Nos acervos digitais da Editora Abril só estão disponíveis exemplares dos últimos cinco anos. De modo que a única fonte de acesso foi o blog da biblioteca da Eca/USP, onde se encontram exemplares esparsos dos primeiros anos da revista. Disponível em:

<https://bibliotecadaeca.wordpress.com/2020/08/10/revistas-antigas-online/>

³ REVISTA CLAUDIA, n.01, Ano I, São Paulo, outubro 1961.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Entre dicas de beleza e temáticas mais profundas, percebe-se em “Claudia” os indícios de uma abertura para que finalmente as mulheres pudessem trabalhar sobre sua própria imagem. Podendo finalmente afirmar sua personalidade no espaço público. Tal publicação pretendia ser o manual de civilidade dessa nova mulher, que estava enfim, autorizada a praticar seu próprio bovarismo. Dessa maneira, o grande triunfo dessa revista foi conseguir reafirmar o poder-dever feminino de ser bela ao imaginário da mulher emancipada. O manual para todas as horas, pretendia ser também para todas as mulheres, oferecendo conteúdos para donas de casa e trabalhadoras remuneradas, para jovens e idosas, por fim, para feministas e conservadoras.

Entretanto, a linha editorial mudou nos anos 1980, mantendo o mercado, mas perdendo a ousadia de abordar temas polêmicos. Diversos fatores podem ter contribuído para essa transformação, mas em linhas gerais, o debate superficial sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho perdeu um pouco de sua relevância na década perdida. A crise econômica e a inflação forçaram a entrada de muitas mulheres no mercado de trabalho. Contudo, isso não se deu por causa de desejos ou dos projetos de vida, foi por necessidade.

Nesse sentido, pode-se destacar também a abordagem de Ulrich Beck acerca dos riscos que permeiam o progresso capitalista e as noções estabelecidas de modernidade. A produção de riqueza corre em paralelo com a produção de risco, caminha-se da sociedade moderna para uma sociedade de riscos e isso é observável, segundo o autor, a partir dos anos 1970. Quando as formas organizacionais da sociedade, que ajudavam a lidar com os riscos ou disfarçá-los foram sendo dissolvidas no curso da modernidade, isso implicou em riscos e causou relevantes impactos sociais.

Vale ressaltar que os riscos só passam a existir de fato quando são reconhecidos pela ciência. A mudança social no interior da modernidade liberta as pessoas das formas sociais tradicionais da sociedade industrial, ou seja, “os indivíduos são postos libertos em relação à classe, grupo social, família, situações de gênero.” (WESTPHAL, 2010. p.420) Dessa maneira, pode-se inferir que a individualização é compreendida como um processo de formação social histórico e contraditório.

A segunda modernidade sucede quando reflexividade triunfa sobre reflexão, quando, então, o tornar-se reflexivo do processo de modernização deixa as auto-descrições clássicas da modernidade se tornarem obsoletas. (Ibidem, p. 170 grifo no original). Ou seja, na segunda modernidade, reflexivo significa que os princípios da modernidade são aplicados para problemas de ordem secundária ou

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

racionalização de ordem secundária, procurando por soluções adequadas para problemas autocriados. (WESTPHAL, 2010. p.426)

Nessa perspectiva, observa-se três dimensões da individualização: em primeiro lugar, a Dissolução de elos e formas sociais historicamente prescritas de autoridade e de dominação; segundo, a perda de formas de segurança tradicionais relativas ao conhecimento, à fé e às normas dirigentes; por fim, as novas formas de inserção social. Essa última se constitui em contraposição às duas primeiras. Dessa maneira, os indivíduos se tornam meros sustentadores de sua própria vida, perdendo tempo e espaço para planejar sua biografia. “A individualização passa a ser a forma mais avançada de formação social dependente do mercado, da legislação, da formação, etc.” (WESTPHAL, 2010. p.427)

O processo de individualização abordado por Ulrich Beck pode ser posto em perspectiva também em diálogo com a obra de Richard Sennet, que percebe o seguinte:

multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares, esta preocupação tem demonstrado ser mais uma armadilha que uma libertação (SENNET, 1987, p.17)

O excesso de investimento em si mesmo forja uma subjetividade reflexiva, que apresenta grande dificuldade de delimitar o que é pessoal e o que é social. Nesse sentido, a experiência individual sobrevalorizada leva os cidadãos a medirem toda a vida social de acordo com seus sentimentos pessoais. Observa-se, portanto, a perda de noção das fronteiras que contém o mundo íntimo, porque não há uma ordem urbana forte o suficiente para delimitar papéis e normas capazes de fazer funcionar a cidade.

A cidade dos indivíduos, por sua vez, adquire uma função limitada e peculiar: “permitir a movimentação; se elas constroem demais a movimentação, por meio de semáforos, contramãos, etc., os motoristas se zangam ou ficam nervosos”. (SENNET, 1987, p.28) Nessa perspectiva, percebe-se uma clara inversão de sentido entre a ordem urbana moderna e a pós-moderna. Percebida a partir da comparação entre os Manuais de Civilidade e a Metodologia Coaching. Enquanto o primeiro tipo de documento pretende sujeitar o corpo do indivíduo às normas da ordem urbana vigente; o segundo se aproveita da falta de referências sólidas para ensinar os sujeitos a adequar as normas sociais às suas necessidades pessoais, consolidada no que se pode nomear como “projeto de vida”.

4 – Coaching: técnicas de cuidado de si e a ética pós-moderna

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O *Coach* originalmente era uma figura esportiva, o técnico que liderava uma equipe em busca da vitória. O significado da palavra não mudou, ampliou-se. Agora se trata de um profissional que se qualifica para orientar outros em seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional. Atuam em diversas áreas, atendendo aos objetivos mais diversos – emagrecimento, colocação profissional, investimentos, espiritualidade, relacionamentos, negócios, vendas e, pasmem-se, coach de vida, que está definido abaixo:

É o coaching mais abrangente, que envolve aspectos variados da vida do ser humano. Ele é voltado ao desenvolvimento pessoal, auxiliando o coachee a superar obstáculos, vencer medos e a conquistar autoconfiança. Através dessa modalidade, o cliente define objetivos e metas, trabalha o autoconhecimento e aprende a **usar ao máximo suas capacidades**. Esse é um processo mais longo, que envolve questionamentos e a busca de respostas mais concretas. O coach é responsável por orientar o coachee a trilhar seu próprio caminho, para que ele próprio encontre as respostas e soluções para seus problemas.⁴

Resumidamente, trata-se de uma profissão cujo ofício é auxiliar os indivíduos a produzirem a si mesmo, uma espécie de consultor para Bovarismos. Ofertando técnicas de cuidados de si explicitamente vinculadas a certo ideal de realização pessoal. Ajudando o contratante (ou coachee) a trilhar o caminho do sucesso, que aparentemente é apenas uma questão de atitude, sem qualquer relação com a dinâmica social ou cenário econômico. Dessa maneira, assim como a igreja, a escola ou mesmo os Manuais de Civilidade, os Coachs difundem enunciados e práticas que pretendem disciplinar os corpos e os tornar aptos ao sucesso.

Nessa perspectiva, é importante voltar a Foucault, dado que, com o progredir dos séculos, foi-se construindo uma moral mais ampliada, que apresenta também relação com a verdade e com o que agora chamam de austeridade sexual. Entretanto, tal perspectiva não se apresenta com um estreitamento dos códigos e leis, mas como uma – intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito dos seus atos. (Foucault, 1985, p.47)

Essa intensificação da reflexividade transcende o termo individualismo. Posto que, a excessiva preocupação consigo não se sustenta apenas numa lógica de cuidado de si, também se baseia no desejo de projeção de uma autoimagem vitoriosa. Nesse

⁴ Disponível em: <https://febracis.com/tipos-de-coaching/>

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sentido, de acordo com Richard Sennet: o eu de cada pessoa tornou-se seu próprio fardo, conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo. (Sennet, 1987:16) Tal postura que desvincula o individual do social revela também uma fragilização da política e da cidade, que perde força diante da intimidade e da sobrevalorização das pequenas narrativas pessoais. Nesse sentido, Foucault problematiza o individualismo ao redor de três perspectivas:

A atitude individualista caracterizada pelo valor absoluto que se atribui ao indivíduo em sua singularidade e pelo grau de independência que lhe é atribuído em relação ao grupo ao qual ele pertence ou às instituições das quais ele depende; a valorização da vida privada, ou seja, a importância reconhecida às relações familiares, às formas de atividade doméstica e ao campo de interesses patrimoniais; e, finalmente, a intensidade das relações consigo, isto é, das formas nas quais se é chamado a tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se, e promover a própria salvação. (Foucault, 1985, p. 48)

O ser humano é definido nos diálogos com o ser a quem foi confiado o cuidado de si. (Foucault, 1985:50) Nessa perspectiva, o *Coache* é o profissional capacitado para através desses diálogos ajudar seu cliente a se tornar uma versão mais qualificada de si mesmo. Essa carreira tem como premissa delimitar modos de ficcionalizar o sujeito dentro da lógica capitalista em voga. Regressando a Foucault, pode-se observar que o cuidado de si é – um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos por nós próprios como objeto de toda nossa aplicação. (Foucault, 1985:53) Trata-se, portanto, de um princípio válido a todos os indivíduos.

Adiciona que há um dever de ocupar-se com os outros, que estão sob sua responsabilidade, a disciplina do cuidado de si, deveria articular-se com a do cuidado com os outros. Foucault define que o cuidado de si não se revela em um processo de isolamento, mas sim uma verdadeira prática social. Cita galeno, quando ao falar da cura em relação ao amor, propõe que busque conselhos de um homem de boa reputação, franco, e que proporcione assim oportunidades de melhorar em relação à si mesmo. Nesse sentido, o desenvolvimento da cultura de si não produziu seu efeito no reforço daquilo que pode barrar o desejo, mas em certas modificações que dizem respeito aos elementos constitutivos da subjetividade moral. (Foucault, 1985:72)

Refletindo acerca desses elementos constitutivos da subjetividade moral, percebe-se que os elementos que a constituem são variáveis no tempo e no espaço.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Por exemplo, a circunscrição do corpo feminino ao espaço residencial que excluía as mulheres das questões públicas e políticas, já não tem tanta força. Tal fato se deve, em grande medida, às práticas de resistência organizadas pelos movimentos feministas mundo afora. Contudo, há outra perspectiva, pois com o aprofundamento da modernidade ninguém deve estar alheio ao jogo econômico da sociedade de consumo.

De acordo com as orientações dos *Coachs* observadas em sites, documentos e vídeos divulgados pelas instituições “oficiais” de *Coaching*, nomeadamente o IBC (Instituto Brasileiro de Coaching), FEBRACIS (Coaching Integral e Sistêmico), SBC (Sociedade Brasileira de Coaching) e o *Career Center*. Pode-se perceber que a preocupação fundamental do processo de *coaching* é auxiliar seu cliente a chegar ao seu estágio desejado. Como se fosse uma terapia, os corpos doentes recebem um plano com ações e metas que se cumpridas transportarão o sujeito da sua zona de conforto onde jaz aprisionado até o seu lugar desejado. De acordo com o *Career Center*:

Com metodologia própria, consultores sêniores, suporte tecnológico e atuação em rede qualificada, o profissional amplia suas possibilidades de recolocação e de atuação no mercado como: executivo, consultor, empreendedor, acadêmico ou membro de conselho.

Os três passos desse programa são:

- Mapeamento do Perfil profissional
- Elaboração do próximo passo de carreira e preparação para abordagem de mercado
- Expansão da sua rede de relacionamento e busca de novas oportunidades.⁵

A metodologia do *Coaching* tem procedimentos padrões de acordo com as investigações realizadas. Sempre trazem técnicas de “Planejamento Estratégico” muito em voga no mundo empresarial, adaptadas ao indivíduo que se despersonaliza e se tornar um objeto de desejo, no lugar do cidadão entra o projeto. Desse modo, portando o conhecimento verdadeiro, aquele aprendido com o *Coach*, sucesso ou fracasso se tornam questões de atitude. Há a zona de conforto e o espaço desejado, cabe aos *Coachee* mudar seu *Mindset* ou se vitimizar e fracassar, de acordo com um dos maiores *Coachs* do Brasil, José Roberto Marques existem dois tipos do dito *mindset*:

A estudiosa e professora de psicologia da Universidade de Stanford nos Estados Unidos, explica que nosso *mindset* mostra o nosso modo

⁵ Disponível em:

https://careercenter.com.br/empresas/executivos/?gclid=CjwKCAjw88v3BRBFEiwApwLevdgAsGnUijoa4pEuyK-SccaCcFUCbgyvN09x29D3l-2nkoXQFgzRoCi1MQAvD_BwE

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

otimista ou pessimista de enxergar diversas situações da vida e de como se portar diante delas. Após pesquisar durante muitas décadas, a especialista, que é referência no assunto, chegou à conclusão de que existem dois tipos de mentalidades distintas: a fixa e a progressiva.⁶

Dentro dessa perspectiva, pode-se perceber que os corpos que fracassam tem a mentalidade fixa, enquanto os que prosperam possuem o *mindset* progressivo. Ao contrário da primeira, as pessoas com esse tipo de pensamento acreditam que seus talentos e habilidades podem ser desenvolvidos, desde que elas sejam pacientes, focadas, esforçadas e dedicadas.⁷ Nesse sentido, ao contrário dos manuais de civildade que ensinavam a moderação e o respeito aos limites socialmente estabelecidos. O trabalho de *coaching* trabalham para ajudar o indivíduo a superar seus limites, desvinculando-se de qualquer tipo de obrigação social e formas de sociabilidade, focando apenas em ser positivo e trabalhar no próprio progresso.

5 – Conclusão

A cidade em que vivemos não é a mesma em que viveram nossos pais e avós. Disso ninguém duvida. Sobretudo se considerarmos que a dinâmica do mundo do trabalho e suas vinculações com o modo de apropriação capitalista do espaço. Nesse sentido, é possível perceber no processo de aprofundamento da modernidade uma transformação aguda nesse âmbito. A figura do operário que sustenta sua esposa que é dona de casa e seus filhos que estudam para obter um emprego no futuro já não é hegemônica, não consegue abrigar todos os corpos que habitam a cidade. Desse modo, destaca-se a percepção de que a cidade pós-moderna é um espaço de rivalidades, no qual os indivíduos precisam estar aptos a conquistar o seu lugar. Não há um espaço vazio na linha de montagem esperando pelo garoto que frequenta regularmente a escola. Há apenas a certeza de que tudo depende da própria pessoa. Portanto, fracassar não é um fruto da desigualdade social, menos ainda do passado colonial e escravista, o fracasso é uma escolha dos corpos inadequados portadores de uma mentalidade fixa. Ou não.

6 – Referências

⁶ Disponível em: <https://www.jrmcoaching.com.br/blog/o-que-e-mindset/>

⁷ Op. Cit.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BRESCIANI, Maria Stella. "A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada." **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. vol. 6, núm. 2, 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513952500002>

BITTONI, Dulcília S. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina. São Paulo, Summus, 2009.

CECCHIN, Cecília; SANTOS CUNHA, Maria Teresa. "Tenha modos! Educação e sociabilidades em manuais de civilidade e etiqueta (1900 – 1960)". **Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador** Campinas, 2007.

FIRMO FERRAZ, Walkíria & CAJUEIRO SANTOS, Tarcyanie. "Gênero feminino, beleza e autorrealização: uma análise da revista Claudia." **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 5, p. 380-407, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade II**, o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade III**, o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I**, a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, Emblemas e Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KEHL, Maria Rita. **O Bovarismo brasileiro**: ensaios. São Paulo: Boitempo, 2018.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. **As páginas da Beleza**: As representações sobre a beleza feminina na imprensa (1960-1980). Dissertação de Mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

PRECIADO, Paul B. In. **Sopa de wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio): 2020.

PECHMAN, Robert M. **Cidades estreitamente vigiadas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ROQUETE, José Ignácio. **Código do Bom-Tom**, ou, regras de civilidade e de bem viver no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHWARTZ, Lilian Moritz(org.) "Prefácio". In. **Código do Bom-Tom**, ou, regras de civilidade e de bem viver no século XIX / *J. I. Roquete*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA SAMPAIO, Fernando. "Código do Bom-Tom: comportamento, saúde e regras de etiqueta para mulheres no manual de José Inácio Roquette". **Vozes, pretérito e devir**. *Ano I, Vol. I, Num.2*, 2013.